

PESQUISA REVELA OTIMISMO

Na Fiesp, empresários pedem rapidez nas reformas.

Pesquisa feita pelo instituto Trevisan entre 70 empresários mostra que, apesar das dificuldades do momento, eles estão otimistas quanto à volta do crescimento econômico e à resolução dos problemas sociais do País. Um total de 61,1% dos entrevistados respondeu que acredita na retomada do crescimento a curto prazo, enquanto 63,4% disseram que o Brasil deverá resolver seus problemas de equilíbrio econômico e de desenvolvimento ainda nesta década. Os empresários participaram do seminário "Brasil: Para Onde Vamos?", organizado pelo instituto, e responderam a dez perguntas sobre o momento atual (*veja quadro acima*).

Apesar do otimismo verificado nessa pesquisa, o Conselho Superior de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que reúne uma vez por mês empresários e economistas para discutir a conjuntura,

concluiu que o governo não pode perder mais tempo para promover as reformas estruturais necessárias. "O crescimento sustentado da economia não será possível antes disso", afirmou ontem o empresário Sérgio Bergamini, um dos participantes do encontro.

No seu depoimento, o ex-ministro Mailson da Nóbrega alertou que a reforma tributária será insuficiente para conter o déficit fiscal. Mailson avalia que, enquanto não forem feitas reformas constitucionais para que a União repasse para os Estados e Municípios várias de suas despesas, a situação continuará incontornável.

Mailson entende que uma reforma tributária só aumentaria o poder de recebimento de recursos pelos Estados e Municípios, em detrimento da União. Ele chegou a afirmar que não há como conter a inflação desse jeito, restando ao governo deixar de pagar suas dívidas, como já está ocorrendo. Para

o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, a reforma fiscal provavelmente será feita em duas etapas, uma que não envolva revisões constitucionais e a outra com essas mudanças. "O ideal é que ela seja feita de uma vez só."

Na opinião de Bresser, o ministro Márcilio Marques Moreira tem uma oportunidade valiosa agora, que ainda conta com credibilidade, de atacar frontalmente a inflação. "Ele ainda está com muito prestígio, mas com a inflação permanecendo no patamar de 20% e a recessão se prologando, há um desgaste mês a mês." Esse ataque frontal, na sua avaliação, exige uma preparação através de um ajuste fiscal, correção dos preços públicos e um acordo social. A partir daí, ele defende a independência do Banco Central e um congelamento de dois a três meses, acompanhado da conversibilidade do dólar, próximo ao que foi feito na Argentina.